



INDIVIDUALIDADE CIENTÍFICA?

Passamos por um período de extrema individualidade científica, sendo este tema algo a ser urgentemente discutido. Mas, por que este editorial traz este tema? Vamos voltar um pouco no tempo...

No início do século 21, com a euforia do processo de globalização, o mundo se rendeu as metas, a performance e a quantidade! Entramos no período: quanto mais melhor! E no Brasil não foi nada diferente, inclusive dentro da ciência! É sabido que em nosso país grande parte da pesquisa é realizada dentro das instituições de ensino superior, em especial, nas universidades públicas onde se concentram o maior número da pós-graduações *stricto sensu*. Entre os anos 2002 e 2013 tivemos uma melhora nas condições de pesquisa, havendo a abertura de inúmeros cursos de graduação e pós-graduação, e o aumento exponencial do número de publicações das pesquisas realizadas por alunos e professores. Neste período, seguindo o mesmo padrão do restante do globo, era (e é) importante divulgar o conhecimento gerado, e principalmente em revistas de alto padrão, o que no Brasil tal padronização ficou sumarizada em uma classificação chamada Qualis, e no restante dos locais, aplicados outros índices de impacto de divulgação. Então percebam a equação deste período: mais universidades + mais alunos + mais professores + mais pesquisas = mais conhecimento e mais divulgação da ciência.

A partir de 2014, o precipício da individualidade começou a se armar diante de nós. Os recursos públicos para as universidades foram progressivamente sendo reduzidos, ficando geralmente concentrados em instituições mais antigas e, tradicionalmente com maior produção científica, instalando-se assim fortemente a meritocracia. Mas vejam que interessante esta meritocracia, quem publica mais, ganha mais. E é neste momento que se fortalece um grande filão comercial científico: revistas científicas passam a cobrar para realizar a divulgação da ciência. Mas, perai? Cobrar para divulgar ciência? A ciência não é qualquer conhecimento que seja produzido pelo método científico, e é a partir dela que se impulsiona a evolução de uma sociedade? Por que cobrar? A divulgação do conhecimento não é algo que deveria ser direito de todos? Pois é, nos parece que não.

Atualmente cientistas de todo o Brasil e do mundo recebem diariamente dezenas de e-mails convidando-os para publicarem na Journal of bla bla bla, ou Scientific Research of tatata, sempre prometendo a revisão por pares em tempo recorde (já vi situações de colegas que mandaram o artigo em um dia e o mesmo foi aceito no dia seguinte). Mas, claro, velocidade e garantia de publicação, e por conseguinte, garantia da manutenção da sua meta pessoal como pesquisador tem um custo. E os custos destas revistas chegam muitas vezes a CHF 2.500. Para quem não sabe, CHF é a sigla de franco suíço. A conversão deste valor na cotação de hoje (1 CHF = R\$ 5,65), dia 28/12/2022, atinge a bagatela de R\$ 14.121,22.

¹ Bióloga, doutora em ecologia e professora associada de bioestatística no Programa de Pós-Graduação em Biociências e Saúde da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

² Professora Adjunta em Fisiologia na UNIOESTE. Professora-Orientadora nos Programas de Pós-Graduação em Biociências e Saúde (Campus Cascavel) e de Ciências Aplicada a Saúde (Campus de Francisco Beltrão), da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

Mas, voltemos a questão da individualidade. A condição em que a ciência brasileira se encontra, em que temos poucos recursos, sendo estes geralmente concentrados em grandes centros; alunos recusando ganhar bolsas de estudo, pois ganha-se mais em empregos que há um acréscimo salarial por meio de comissões (e percebam, não estou desmerecendo estes empregos, inclusive eu mesma falo muitas vezes para meus alunos não pegarem bolsa e continuarem trabalhando); instituições de pesquisa cada vez mais sucateadas e sem condições de executar procedimentos básicos; isso só faz com que o ser humano pense em si próprio, e com razão, dizendo: preciso sobreviver, é impossível viver com R\$ 1500,00 em um mestrado e ainda ter que pagar CHF 2500 pela divulgação de um conhecimento, que tenho lá minhas dúvidas se efetivamente foi revisado. A dúvida sobre a ética na ciência e nas formas de divulgação científica têm afastado milhares de jovens que teriam potencial para serem exímios pesquisadores e impulsionadores de tecnologia em uma sociedade.

Com isso exposto, acreditamos que é nossa obrigação refletir mais antes de publicar um novo conhecimento. O que é melhor: quantidade ou qualidade? Precisamos publicar em uma revista paga que valoriza apenas a quantidade e que acaba por ter maiores índices de impacto não por sua qualidade, mas sim pela quantidade de lixo científico que publica? Por isso fazemos este apelo: pesquisem melhor as revistas e tentem procurar aquelas que não cobram. Tentem ajudar o corpo editorial de uma revista não paga, mesmo que acabe demorando mais tempo para a publicação do seu artigo. Faça revisões de artigos, mas apenas daquelas revistas que não cobram de seus autores. Só assim conseguiremos voltar a valorizar a coletividade e não mais a individualidade. Só assim a ciência voltará a ter o seu propósito que é permitir a evolução coletiva de uma sociedade.